



RELATO

SÉRIE DE ENTREVISTAS: CIENTISTAS NO BRASIL

Carla de Oliveira Tôzo¹; carla.tozo@usp.br

Luciano Victor Barros Maluly²; lumaluly@usp.br

RESUMO

Este relato se refere ao projeto “Cientistas no Brasil” proposto na disciplina “Conceitos e Gêneros do Jornalismo” da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo aos alunos do primeiro ano (semestre 2) do curso de jornalismo no segundo semestre de 2020. Os estudantes colocaram em prática a técnica de entrevista e de roteirização na elaboração de um programa de vídeo com temática científica. Cada uma das nove equipes selecionaram um cientista, propuseram a pauta, redigiram o roteiro, gravaram e editaram o material; a ideia da série é dar voz aos cientistas brasileiros para falarem sobre seu dia a dia e como é fazer pesquisa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista. Ciência. Jornalismo. Divulgação Científica.

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo coronavírus (covid-19) transformou nossas vidas de diversas maneiras, e em especial no que se refere ao ensino. Desde meados de março de 2020 as instituições de ensino tiveram de aderir às aulas remotas, e com a Universidade de São Paulo (USP) não foi diferente. De “uma hora para outra” os professores, alunos e funcionários precisaram se adaptar à telinha do computador, do *tablet* ou do celular para transmitir e obter conteúdo, propor exercícios, realizar avaliações e tudo mais que envolve as atividades escolares possíveis de se fazer à distância.

Ao mesmo tempo, nunca se falou tanto sobre pesquisa científica e ciências, uma vez que uma boa parcela da sociedade passou a procurar mais informações

¹ Doutoranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM. E-mail: carla.tozo@usp.br.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Departamento de Jornalismo e Editoração da mesma universidade. Cargo. E-mail: lumaluly@usp.br



sobre esse universo. Vale ressaltar que o acesso à informação é parte integrante do processo educativo.

A doutora em Comunicação Thaianne Moreira de Oliveira, em seu artigo “Midiatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital” publicado na revista MATRIZES (2018), aponta que a comunicação científica é um fenômeno multifacetado, que emprega uma variedade de formatos e canais de comunicação e que envolve diferentes atores com objetivos distintos.

Tradicionalmente, a comunicação da ciência cumpre dupla função na gestão do conhecimento: comunicar para a comunidade acadêmica e órgãos financiadores, disseminando os resultados obtidos na pesquisa científica, e dar o retorno social, para a sociedade em geral, sobre a importância do que vem sendo desenvolvido nos centros de pesquisa. (OLIVEIRA, 2018, p.102)

Divulgação é o efeito de divulgar, difundir, promover, publicar, colocar algo ao alcance do público leigo ou acadêmico. No caso da Divulgação Científica é tornar o conhecimento científico mais acessível através de livros, filmes, programas de rádio e TV, reportagens e matérias jornalísticas para diversos meios de imprensa analógica e digital, exposições e atividades em Museus, Feiras etc. O conhecimento científico também pode estar disponível em artigos, seminários, palestras, entre outros eventos, para um público mais específico, neste caso, com o uso de linguagem mais elaborada.

BUENO (2010) explica que *divulgação científica* compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos para a veiculação das informações para o público leigo, e que a *comunicação científica*, contudo, destina-se a um público mais seletivo e especializado.

Compreendendo a importância do compartilhamento do conhecimento científico, e associando esse fato à formação de futuros jornalistas, nasceu o projeto “Cientistas no Brasil”, proposto na disciplina “Conceitos e Gêneros do Jornalismo” da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ministrada aos alunos do primeiro ano, sob a orientação do professor Dr. Luciano Victor Barros Maluly e da doutoranda e monitora do Projeto de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) Carla de Oliveira Tôzo.



METODOLOGIA

Durante o segundo semestre de 2020 – agosto a dezembro – os estudantes, além de aprender sobre gêneros e formatos jornalísticos (MELO, 2003) desenvolveram quatro atividades: (1) crônica – cuja temática envolvia infância, memória e atividade física/esportiva; (2) release para a divulgação do lançamento do livro com a reunião de todas as crônicas; (3) a série “Cientistas no Brasil” e (4) um *podcast* com relatos de memórias ou desejos de voltar e/ou estar em lugares especiais na pós-pandemia, denominado “Um Lugar no futuro”. As atividades foram desenvolvidas de forma individual (crônicas, release e *podcast*) e em grupo (série).

Antes de começar o desenvolvimento da série, os alunos tiveram aulas teóricas, além de duas outras especiais com convidados que compartilharam suas experiências em cada um dos dois pontos que envolviam o trabalho. A primeira aula especial tratou da técnica de entrevista, com a professora Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que teve como base a metodologia de pesquisa utilizada em sua tese de doutorado *Trajectoria da formação do telejornalista brasileiro - as implicações do modelo americano* (2008). A segunda aula, sobre divulgação científica, teve como convidada a jornalista e editora de Ciências do Jornal da USP Luiza Caires.

Em seguida, cada equipe (formada a partir da sugestão de ter pelo menos cinco componentes) foi orientada a produzir uma entrevista para o formato de vídeo (os alunos utilizaram os aplicativos Google Meet ou Zoom, de comunicação em som e vídeo à distância, para fazer as gravações) com duração de 30 minutos. Foram formadas nove equipes, sendo uma dupla, dois trios e cinco quintetos.

Os alunos também precisaram seguir as funções de pauteiro (que neste caso foi o responsável por encontrar o entrevistado); pesquisador (para fazer o levantamento de tudo o que está disponível sobre o entrevistado, além de levantar imagens para utilizar durante a entrevista); roteirista (que através das informações recebidas do pauteiro e do pesquisador fez o planejamento para discutir/debater o tema em questão); entrevistador (o que apresenta o programa e interage mais diretamente com o convidado); editor/produtor (responsável por



guiar a parte técnica: som, enquadramento, iluminação, além de fazer os “cortes” e o processo de finalização).

O primeiro objetivo de uma pauta é planejar a edição. (...) O planejamento tem todas as vantagens, do ponto de vista da administração. Garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou intempestiva. Diminui a pulverização de esforços em atividades improdutivas. Permite a gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem. (...) (LAGE, 2001, p.36)

Para a produção da série foram realizados três encontros: (1) para a definição do entrevistado e orientação quanto ao desenvolvimento da pauta; (2) entrega e correção do roteiro; (3) transmissão do programa para os comentários finais antes de ser colocado no ar, no Canal do YouTube do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Universidade de São Paulo.

RESULTADOS

A turma era composta originalmente pelos alunos do curso de Jornalismo, mas também havia alunos especiais dos cursos de Letras e de Química. De maneira geral, podemos afirmar que a origem da turma é oriunda de diversas partes do país, o que resultou em maior diversidade, sobretudo quanto à origem regional e à atuação do entrevistado, bem como da escolha das fontes. Além disso, os alunos optaram por dar mais destaque às mulheres cientistas (sete, do total de nove programas).

Os convidados e suas respectivas áreas foram: Renan Abdouni Bom Meihy (Antropologia); Luiz Eduardo Anelli (Geociências/pré-história/dinossauros); Liedi Legi Bernucci (Infraestrutura de Transportes: vias urbanas, rodovias, aeroportos e ferrovias); Silvana Perez (Ensino/Física); Alicia Kowaltowski (Bioquímica/metabolismo energético); Kiany Sirley (Ensino/Química e assessoria técnica na Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão), Lorraine Luiz (Obras Ambientais), Márcia Caruso Bicego (Oceanografia) e Duilia de Mello (Física, Astronomia).

Observou-se que os alunos conseguiram colocar em prática vários aspectos de um trabalho jornalístico bem feito: pesquisa, observação, entrevista e edição.



Ao receberem a orientação principal, que foi a de procurar um ou uma cientista e ouvir dele ou dela como é fazer ciência no Brasil, mostraram interesse pelo assunto, buscaram pesquisadores que tinham algo a dizer e, conseqüentemente, dispuseram-se a ouvir. “O jornalista tem de ouvir, só assim o entrevistado sentirá que o que ele diz é útil. A pesquisa prévia serve para o repórter se munir de informações e fugir do óbvio. (...)” (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p.77).

Dentre as classificações propostas por LAGE (2001), as entrevistas podem ser: (1) do ponto de vista dos objetivos - ritual, temática, testemunhal, em profundidade; (2) quanto às circunstâncias de realização - ocasional, confronto, coletiva, dialogal. Na série “Cientistas no Brasil” identificamos que os estudantes fizeram entrevistas em profundidade e dialogal. O objetivo da entrevista em profundidade não é:

um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos da sua vida. (LAGE, 2001, p.75)

Já a entrevista dialogal é “marcada com antecedência (...). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa (...) permitem-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (LAGE, 2001, p.77).

No que se refere ao formato e ao conteúdo, cada episódio tem na abertura o logotipo, especialmente elaborado pelo doutorando em Comunicação Felipe Parra, informações gerais sobre o programa, sobre o apresentador/entrevistador e sobre o entrevistado (um breve currículo e o tema principal a ser abordado), o diálogo (entre entrevistador/entrevistado), e a finalização com os agradecimentos e a leitura da ficha técnica. Algumas equipes, contudo, disponibilizaram no vídeo fotos do convidado durante a conversa.

Nesse sentido, identificamos:

- Pontos positivos: o interesse dos alunos pela temática científica, a realização – de forma colaborativa – da apuração, redação e edição e a fluidez na condução do programa;



- Pontos a serem melhorados: quanto às técnicas (enquadramento e iluminação), melhor equilíbrio no uso da trilha e do controle do tempo.

Ressaltamos mais uma vez o fato dessa atividade ter sido produzida por alunos do primeiro ano e de forma remota e, mesmo assim, percebermos a boa prática do exercício jornalístico e o bom olhar para a reportagem. Afinal, como escreveu Audálio Dantas (2001, p.10), “repórteres são, pois, seres que perguntam. Saber perguntar, portanto, já é mais do que meio caminho andado para um bom exercício da profissão”.

REFERÊNCIAS

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**. Londrina, v.15, nº 1 esp, p.1-12, 2010. DOI: [10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1). Acesso em: 12 de junho de 2021.

DANTAS, Audálio (orgs). **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac, 1998.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia; PRADO, Magaly (org). **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. Vol.3, SP: Saraiva, 2009.

KNEIPP, V.A.P. **Trajetória da formação do telejornalista brasileiro** - as implicações do modelo americano. Tese de Doutorado. São Paulo, Eca-Usp, 2008.

LAGE, N. **A Reportagem** – Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. SP: Record, 2001.

MELO, J.M. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003

OLIVEIRA, Thiane Moreira de. **Midiatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital**. Revista MATRIZES, São Paulo, v.12, nº 3, set/dez de 2018.